



DOSSIÊ - TEMAS BÍBLICOS

Abordagem cristológica pelos títulos no Novo Testamento

Christological approach to titles in the New Testament

Aproximación cristológica a los títulos en el Nuevo Testamento

José Armando Vicente¹

orcid.org/0000-0002-4261-2297

josarvicente@gmail.com

Recebido em: 31 out. 2023.

Aprovado em: 05 jun. 2025.

Publicado em: 15 dez. 2025.

Resumo: Pergunta-se: os títulos cristológicos presentes no Novo Testamento (Cristo, Servo de Javé, Filho do Homem, Profeta, Salvador, Senhor...) foram usados, assim como são, por Jesus mesmo ou foram aplicados a ele por outrem? Nessa segunda hipótese, a atribuição de tais títulos a Jesus foi iniciativa de seus ouvintes, na sua vida terrena, ou iniciativa da Igreja apostólica, após a Ressurreição? Além disso, o título foi empregado no sentido original ou recebeu um "acréscimo de sentido" e, nesse caso, onde e como? Sem dúvida, não é uma tarefa fácil responder a essas questões. Os títulos cristológicos conservam diferentes níveis de significação, de acordo com os diversos contextos culturais. Esses títulos têm sentido no Antigo Testamento, no contexto judeu; no contexto helenístico têm outro significado e, no Novo Testamento, porém, têm um significado diferente quando são aplicados a Jesus.

Palavras-chave: Cristologia. Títulos cristológicos. Novo Testamento.

Abstract: The question is: were the Christological titles present in the New Testament (Christ, Servant of Yahweh, Son of Man, Prophet, Savior, Lord etc.) used as they are by Jesus himself or were they applied to him by others? In the second hypothesis, was the attribution of such titles to Jesus the initiative of his listeners during his earthly life or the initiative of the apostolic Church after the Resurrection? Furthermore, was the title used in its original sense or did it receive an "added meaning" and, if so, where and how? It is undoubtedly not an easy task to answer these questions. Christological titles retain different levels of meaning according to the different cultural contexts. These titles have meaning in the Old Testament, in the Jewish context; in the Hellenistic context they have another meaning and in the New Testament, however, they have a different meaning when applied to Jesus.

Keywords: Christology. Christological titles. New Testament.

Resumen: La pregunta es: ¿fueron los títulos cristológicos presentes en el Nuevo Testamento (Cristo, Siervo de Yahvé, Hijo del Hombre, Profeta, Salvador, Señor, etc.) usados tal como son por el propio Jesús o fueron aplicados a él por otros? En la segunda hipótesis, ¿fue la atribución de tales títulos a Jesús iniciativa de sus oyentes durante su vida terrena o iniciativa de la Iglesia apostólica después de la Resurrección? Además, ¿se usó el título en su sentido original o recibió un significado añadido? De ser así, ¿dónde y cómo? Sin duda, no es tarea fácil responder a estas preguntas. Los títulos cristológicos conservan diferentes niveles de significado según los distintos contextos culturales. Estos títulos tienen significado en el Antiguo Testamento, en el contexto judío; en el contexto helenístico tienen otro significado, y en el Nuevo Testamento, sin embargo, tienen un significado diferente cuando se aplican a Jesús.

Palabras clave: Cristología. Títulos cristológicos. Nuevo Testamento.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1 Introdução

Os títulos cristológicos presentes no Novo Testamento (NT) classificam-se em várias categorias. Há os messiânicos, como "Messias/Cristo"

¹ Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Contagem, MG, Brasil.

(o ungido), "Servo de Javé" (Is 42-53) e "Filho do homem" (Dn). Outros são funcionais, ou seja, referem-se ao múnus salvífico de Jesus em relação à humanidade. É o caso, por exemplo, de Profeta, Salvador e Senhor. Aparecem também outros títulos, ligados à identidade pessoal de Jesus e, por isso, chamados de ontológicos, como "Filho de Deus" e "Palavra de Deus". Ao se tratar da importância dos títulos cristológicos, é necessária especial atenção, porque se deve distinguir os diferentes níveis de significação.

De fato, os títulos cristológicos esbarram numa cultura. Tais títulos foram provocados e interpretados pelo novo contexto sociocultural, objetivando salvaguardar a fé que confessa que Jesus Cristo é o salvador. Isto é, Jesus foi "experimentado" de maneira diferente a partir de categorias culturais diversas. Aliás, nas diferentes culturas da época, houve uma inculturação da fé em Jesus Cristo.

O artigo pretende apresentar uma visão geral e sintética dos títulos presentes no Novo Testamento, sem entrar em grandes discussões cristológicas e teológicas.

O artigo está estruturado em três partes: a primeira apresenta e reflete sobre os títulos cristológicos messiânicos; a segunda reflete sobre os títulos funcionais/salvíficos; e a terceira é uma reflexão sobre os títulos cristológicos ontológicos.

2 Títulos messiânicos

2.1 O Messias ou Cristo

O termo "Messias", em hebraico, significa "Ungido". No Antigo Testamento (AT), é usado para indicar o rei de Israel e o sacerdote. Em algumas passagens, o termo designa os patriarcas (Sl 105,15; 1Cr 16,22), a nação (Hab 3,13) e os reis (Sl 89).

Os patriarcas: no livro de Gênesis, encontram-se numerosas promessas e bênçãos. A respeito de Abraão, lê-se: "eu farei de ti uma grande nação e te abençoarei; serás uma bênção" (Gn 12,2); "multiplicarei a tua descendência" (Gn 13,16); "quero fazer-te dom da minha aliança entre ti e mim [...]; eis a minha aliança contigo [...] te tornarei fecundo" (Gn 17, 1-8); "comprometo-me a aben-

çoar-te e fazer proliferar a tua descendência" (Gn 22, 17-18). A respeito de Isaac, lê-se: "estarei contigo e te abençoarei [...] farei proliferar a tua descendência" (Gn 26, 2-5,24). E, a respeito de Jacó, diz-se: "e o abençoou [...]; que Deus te abençoe, te torne fecundo e prolífero [...]; que ele te dê a bênção [...]; eu estou contigo e te guardarei [...]; sê fecundo e prolífero" (Gn 28, 1-4,13-15; 35, 9-12; 48, 3-4).

Essas promessas e bênçãos, segundo McKenzie (1984a, p. 606), "são messiânicas e dizem respeito à posse da terra e ao crescimento de Israel como povo".

A nação: a aliança estabelecida entre Deus e Israel fez dele o povo. O código de leis regulava a vida de Israel como povo de laweh; por sua eleição, Israel passou a ser guiado em sua peregrinação histórica pela mão de Deus. Os oráculos de Balaão (cf. Nm 23-24), afirma McKenzie (1984a, p. 606), "identificam Israel como povo distinto, ungido, eleito, venturoso na guerra e próspero".

O rei: de acordo com McKenzie (1984a), o rei aparece como instrumento de prosperidade, que é uma das funções do salvador. Ele é escolhido por laweh. Em princípio, cada rei é depositário da aliança e chefe carismático, o homem através do qual laweh salva Israel. No Sl 89, Davi é objeto de uma aliança. O Sl 110 pode ser também atribuído ao reino de Davi, e o Sl 2, à vinda de Salomão. Em Is 6-9, o rei Davi aparece como salvador. Em Is 9, 1-6, o rei é saudado como instrumento das vitórias de laweh. O rei é "Conselheiro-maravilhoso", "Deus-forte", "Pai-eterno" e "Príncipe da Paz". Jr 23,5ss e Ez 34,23; 37,24ss referem-se ao Messias como *David redivivus* (o retorno de Davi). Em Ag 2,20ss e Zc 6,9ss, o rei messiânico é atribuído a Zorobabel. Em Zc 9,9s, o rei é apresentado como portador de paz.

No Novo Testamento, o termo "Messias" é atribuído a Jesus Cristo. Assim, Cristo tornou-se um nome pessoal. Em grego, o termo se traduz por *christos*, de onde vem o termo "Cristo". Este era um título para identificar Jesus como o Messias do AT. No entanto, a expressão descreve, no NT, alguns aspectos da pessoa e da missão de Jesus.

No Novo Testamento, são numerosos os titu-

los de Messias-Cristo atribuídos ou ditos (?) por Jesus. **Nos evangelhos sinóticos:** "ele ordenou severamente aos discípulos que não dissessem a ninguém que ele era o Messias" (Mt 16,20; Mc 1,34; 8,30; Lc 4,41; 9,21); "tu és o Messias" (Mt 26,63; Mc 14,61; Lc 22,67); "tu és o Cristo" (Mt 16,16; Mc 8,27ss; Lc 9, 18ss); "pertencerdes a Cristo" (Mc 9,41); "Nasceu-vos hoje, na cidade de Davi, um Salvador, que é Cristo" (Lc 2,11); "sem ter visto o Cristo do Senhor" (Lc 2,26); "a quem chama de Cristo" (Mt 1,16); "início do Evangelho de Jesus Cristo" (Mc 1,1).

No evangelho de João: "se és Cristo" (Jo 10,24); "eu sei que um Messias deve vir – aquele que chamam Cristo" (Jo 4,25); "que Jesus é o Cristo" (Jo 9,22); "e aquele que enviaste, Jesus Cristo" (Jo 17,3); "eu creio que tu és o Cristo" (Jo 11,27); "para que creais que Jesus é o Cristo" (Jo 20,31).

Os Evangelhos identificam a missão messiânica de Jesus com seus sofrimentos. Era preciso que Cristo sofresse para entrar em sua glória. Ele devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia (Lc 24,46).

No livro dos Atos dos Apóstolos: "o Cristo que vos é destinado, Jesus" (At 3,20); "de Jesus Messias" (At 5,42); "ali proclamava o Cristo" (At 8,5); "provando que Jesus era de fato o Messias" (At 9,22); "que Jesus é o Messias" (At 18,5,28).

O caráter messiânico de Jesus se realiza em sua glorificação e exaltação: "Deus o fez Senhor e Messias" (At 2,36); "Ele é Senhor de todos" (At 10,36).

Nas cartas: "em Jesus Cristo" (Fl 2,50); "confesse que Jesus Cristo" (Fl 2,11); "Cristo" (Rm 5,6,8); "o Cristo" (Rm 9,5); "pois o fim da lei é o Cristo" (Rm 10,4); "Cristo morreu" (Rm 14,9); "um Messias crucificado" (1 Cor 1,23); "Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado" (1 Cor 2,2); "por Cristo" (2 Cor 5,18); "por Jesus Cristo" (Gl 1,1); "do Senhor Jesus Cristo" (Gl 1,3); "pela graça de Cristo" (Gl 1,6); "o evangelho de Cristo" (Gl 1,7); "Servo de Cristo" (Gl 1,10); "revelação de Jesus Cristo" (Gl 1,12); "igrejas de Cristo" (Gl 1,22); "a liberdade que vem de Jesus Cristo" (Gl 2,4); "a lei pela fé relativa a Jesus Cristo", "a nós que cremos em Jesus Cristo", "a fé de Cristo" (Gl 2,16); "seria Cristo" (Gl 2,17); "com Cristo" (Gl 2,19);

"é Cristo" (Gl 2,20); "Cristo morreu" (Gl 2,21); "Jesus Cristo crucificado?" (Gl 3,1); "Cristo pagou" (Gl 3,13); "em Jesus Cristo" (Gl 3,14); "isto é, Cristo" (Gl 3,16); "a fé relativa a Jesus Cristo" (Gl 3,22); "à espera de Cristo" (Gl 3,24); "em Jesus Cristo" (Gl 3, 26); "batizados em Cristo; vos revestistes em Cristo" (Gl 3,27); "sois um só em Jesus Cristo" (Gl 3,28); "pertenceis a Cristo" (Gl 3,29); "como Cristo Jesus" (Gl 4,14); "Cristo seja formado" (Gl 4,19); "Cristo nos libertou" (Gl 5,1); "Cristo não vos servirá" (Gl 5,2); "rompestes com Cristo" (Gl 5,4); "está em Jesus Cristo" (Gl 5,6); "aos que pertencem a Cristo" (Gl 5,24); "a lei de Cristo" (Gl 6,2); "a cruz de Cristo" (Gl 6,12); "a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl 6,14); "a graça de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl 6,17); "o Jesus é o Cristo?" (1 Jo 2,22); "Jesus Cristo" (1 Jo 4,2); "Jesus é o Cristo" (1 Jo 5,1).

Dessa feita, afirma McKenzie (1984a, p. 486):

A salvação em Jesus Cristo significa a união e a incorporação do fiel em Cristo. O batismo incorpora o cristão à morte e à ressurreição de Cristo, conferindo-lhe uma vida nova (Rm 6,3ss); aqueles que morrem em Cristo vivem com ele (Rm 6,8). O cristão é herdeiro com Cristo (Rm 8,17). A redenção e a salvação ocorrem em Cristo Jesus (Rm 3,24; 2 Tm 2,10). Os cristãos são santificados em Cristo Jesus (1 Cor 1,2). Deus nos carrega sempre em seu triunfo por Cristo (2 Cor 2,14) e em Cristo nos abençoou (Ef 1,3ss). É em Cristo que temos a redenção (Ef 1,7; Cl 1,14). O cristão foi criado em Cristo Jesus para as boas obras (Ef 2,10).

De fato, para Paulo, os frutos da obra de salvação em Jesus são uma nova vida, vivida por Cristo e em Cristo. Em Cristo, o cristão é considerado vivo para Deus (Rm 6,11), recebendo a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 6,23; 8,2). Na ressurreição, os mortos serão vivificados em Cristo (1 Cor 15,22).

2.2 O Servo de Javé (Is 42-43)

O Servo de Iahweh é uma figura que aparece em Is 40-56. A identidade do servo constitui questão amplamente discutida pelos exegetas.

O título de "servo", em hebraico, significa "escravo", isto é, "escravo do rei", um título honorífico de um funcionário que tem alta responsabilidade e está próximo do monarca. Como título honorífico, é aplicado frequentemente a Moisés (Ex

14,31; Nm 12, 7-8), a Davi (2 Sm 3,18; 1 Rs 11,34,36; Sl 89,4,21: Davi é chamado "meu servo a quem eu escolhi", cf. Is 42,1), a Zorobabel (Ag 2,23; Zc 3,8), a Elias (1 Rs 18,36; 2 Rs 9,36; 10,10), a Aías e a outros profetas (1 Rs 14,18), a Joaquim, ao próprio profeta autor e a alguma figura anônima conhecida pelo autor. O servo designa tanto o rei quanto o profeta.

Bem assinala McKenzie (1984a, p. 870):

O título de servo lhe permite lembrar todos aqueles que foram instrumentos dos atos salvíficos de Iahweh, seja Moisés, seja o rei ou o profeta; o título pode ser concebido como sugerindo uma figura ideal coletiva, que reúna em si todos esses líderes, ou uma figura individual ideal, que possuía todos os dons da condução carismática.

De fato, a história da interpretação judaica mostra variações na compreensão do servo. Assim, certas vezes o servo é identificado com Israel, personificado num indivíduo (Is 41, 8-9; 44,21; 42,19; 45,4; 48,20); outras vezes, ele é apresentado como um Messias da casa de José, que sofre, ou como o Eleito e o Justo. O Targum de Is 53 o identifica com as nações dos gentios. A grande revelação do servo é que a salvação vem através do sofrimento.

No Novo Testamento, o título de servo é atribuído a Jesus: "eis meu servo" (Mt 12,18); "este é o meu Filho bem-amado" (Mt 3,17; Mc 1,11; Lc 3,22); "eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo 1,29,36); "o seu Servo Jesus" (At 3,13); "enviou seu Servo Jesus" (At 3,26); "teu santo servo" (At 4,30).

Assim, a concepção de salvação em Jesus Cristo está associada à ideia do sofrimento, isto é, à ideia da paixão e da morte expiatória, bem como ao significado do sofrimento e da morte na experiência humana. Jesus Cristo, portanto, é o Servo que sofre em sua própria pessoa e,

assim, santifica o sofrimento das pessoas que ele representa: "este é meu sangue derramado em prol da multidão" (Mt 26,28; Mc 14,24; Lc 22,20); "o Filho do Homem veio para servir e dar sua vida em resgate pela multidão" (Mt 20,28; Mc 10,45; 1 Tm 2,6); "Cristo morreu pelos nossos pecados" (1 Cor 15,3-5); "o Senhor Jesus foi entregue" (1 Cor 11, 23s); "tomando a condição de servo" (Fl 2,6ss); "Cristo sofreu por nós" (1 Pd 2,21ss); "ele é vítima por expiação por nossos pecados" (1 Jo 2,2); "enviou seu Filho como vítima" (1 Jo 4,10).

2.3 O Filho do Homem

De acordo com McKenzie (1984a, p. 352), o título "Filho do Homem" aparece em Dn 7,13 e é usado para designar "alguém como um homem" que aparece sobre as nuvens diante do Ancião e recebe o reino. A figura misteriosa simboliza Israel, isto é, "os Santos do Altíssimo" (Dn 7,18,22,27).

O título também aparece em Enoc² e 4Esd³. Em Enoc 46, o Filho do Homem aparece diante do Ancião; suas principais características são: é justo, revela os segredos, é juiz e poderoso. Em Enoc 48, o Filho do Homem é um sustento para os justos e os santos; é a luz e a esperança dos povos; é adorado e louvado por todos; é o escolhido; os homens são salvos em seu nome. Em Enoc 62, os salvos comerão e beberão com ele. Em Enoc 69, o Filho do Homem está sentado num trono e o juízo é confiado a ele. Em 4Esd 13, o Filho do Homem aparece como um homem que voa sobre as nuvens; destrói um grande inimigo com a chama que sai de sua boca; a criação é salva mediante ele, e uma nova ordem é estabelecida; ele é o Filho do Altíssimo.

O título "Filho do Homem", no Novo Testamento, aparece não só nos Evangelhos, mas também nas cartas. A questão colocada é saber se a noção "Filho do Homem" no NT é uma influência

² O Livro de Enoc compreende o *Enoc etíope* e o *Enoc eslavo*. O *Enoc etíope* narra a história da queda dos anjos e descreve a vinda e o juízo do Messias, um ser celeste que é chamado "Filho do Homem" e "o Eleito". Enoc viaja através da terra, dos abismos e dos céus e aprende como calcular o calendário. Prediz o dilúvio e a história de Israel até a vinda do Messias, servindo-se de alegorias de animais. A história do mundo antes do juízo divide-se em dez semanas. O livro é conservado em uma versão etíope da versão grega perdida de um original aramaico, que também se perdeu. Foi compilado por vários autores de origem farisaica no século II a.C. e tornou-se muito popular entre os cristãos nos primeiros três séculos d.C. (cf. McKenzie).

³ Esdras responde ao problema das razões pelas quais Israel sofre e pelas quais foi adiada a era messiânica. As visões de Esdras revelam os sinais do fim próximo, as desgraças que precedem a vinda do Messias, os quatro reinos... O livro descreve a ressurreição dos mortos e o juízo final, a Jerusalém celeste e também o estado da alma entre a morte e o juízo. Também este livro fala de um reino messiânico sobre a terra, antes do juízo final... (cf. McKenzie).

das concepções dos livros apócrifos de Enoc e 4Esdr. Para McKenzie (1984a), as respostas a tal questão divergem muito. Alguns estudiosos não admitem qualquer influência. Para outros, Jesus nunca se referiu voluntariamente a uma figura como o Filho do Homem de Enoc. Sendo assim, nos Evangelhos, o título "Filho do Homem" teve origem com o próprio Jesus. Outros estudiosos modernos negam que Jesus tenha usado o título e opinam que "Filho do Homem" é um título messiânico, presente em Dn e Enoc, dado a Jesus pela Igreja primitiva. Outros adiantam a hipótese de que, quando "Filho do Homem" é usado por Jesus na terceira pessoa, para falar de uma figura apocalíptico-escatológica, ele não indica a si mesmo, mas o Filho do Homem de Dn e Enoc.

Para McKenzie (1984a, p. 352), o uso do título nos evangelhos sinóticos pode ser classificado em cinco aspectos.

1º. Em contextos em que Jesus fala de sua condição humana: "o Filho do Homem não tem, porém, onde recostar a cabeça" (Mt 8,20; Lc 9,58); "veio o Filho do Homem, come e bebe" (Mt 11,19; Lc 7,34).

2º. Em contextos em que poderes sobrenaturais são atribuídos a Jesus: "para que saibais que o Filho do Homem tem autoridade na terra para perdoar os pecados" (Mt 9,6; Mc 2,28; Lc 6,5).

3º. Em contextos que descrevem a missão messiânica de Jesus: "o que semeia a semente é o Filho do Homem" (Mt 13,37); "felizes sois vós quando os homens vos odeiam [...] por causa do Filho do Homem" (Lc 6,22; Mt 5,11); "o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido" (Lc 19,10); "quem é o Filho do Homem?" (Mt 16,13); "e se alguém profere uma palavra contra o Filho do Homem" (Mt 12,32; Lc 12,10).

4º. No contexto da paixão e da morte do Filho do Homem: "o Filho do Homem estará no seio da terra três dias e três noites" (Mt 12,40; 17,12.22; 20,18; Mc 9,31; 10,33; Lc 9,44; 11,30; 18,31); "assim é que o filho do homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate pela multidão" (Mt 20,28; 26,2.24.45; Mc

8,31; 9,12; 10,45; 14,21.41; Lc 9,22; 22,22.48; 24,7).

5º. No contexto da vinda apocalíptico-escatológica do Filho do Homem: "antes que chegue o Filho do Homem" (Mt 10,23; 13,41; 16,28; Lc 9,26); na ressurreição: "até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dentre os mortos" (Mt 17,9; 24,27.30.37.39.44; 25,31; Mc 9,9; 13,26; Lc 17,24.26; 21,27); na segunda vinda: "vereis o Filho do Homem sentado à direita [...] e vindo sobre as nuvens do céu" (Mt 26,64; Mc 14,62; Lc 12,8; 22,69); no julgamento de todos os homens: "o Filho do Homem enviará seus anjos" (Mt 13,41; 16,27; 19,28; 25,31; 26,64; Mc 14,62; Lc 22,69).

A humanidade do Filho do Homem, nos evangelhos sinóticos, aparece como comunhão com os outros homens. É sua humanidade que o torna capaz de sofrer. Portanto, o traço do sofrimento e da paixão do Filho do Homem deve ser associado ao título do Servo Sofredor de Iahweh. O título "Filho do Homem" era adaptado para exprimir o conceito do Servo Sofredor. Tudo indica que Jesus o escolheu e o usou nesse sentido.

No Evangelho de João, o título apresenta características novas: o Filho do Homem tem poder de julgar (Jo 5,27); elevação na cruz: "é preciso que o Filho do Homem seja levantado" (Jo 3,14; 8,28; 12,34); preexistência do Filho do Homem: "e se visseis o Filho do Homem subir para onde estava antes" (Jo 6,62); o Filho do Homem é o mediador entre o céu e a terra (Jo 1,51).

Nesse contexto, a humanidade do Filho do Homem aparece eminentemente na sua obra sacramental: "quem não comer sua carne e não beber seu sangue não terá a vida eterna" (Jo 6,27.53). De acordo com McKenzie (1984a, p. 353), "pela Eucaristia o fiel entra em íntima comunhão com o Filho do Homem na sua humanidade. Em João, o Filho do Homem perdeu as características apocalípticas dos sinóticos e se tornou o ser preexistente. Ele salva pela sua morte".

3 Títulos funcionais/salvíficos

3.1 O Profeta

Em grego, *prophetes* significa "alguém que

fala diante dos outros", "alguém que comunica uma revelação divina". *Prophetes* é a tradução do hebraico *nabi*, termo comum para indicar profeta. De acordo com McKenzie (1984a, p. 742):

[...] seu significado é incerto. *Nabi* significa, para alguns estudiosos, "chamar", "falar em alta voz". Portanto, o *nabi* é um orador, anunciador. Para outros estudiosos, *nabi* significa "borbulhar", "chamado". Assim, o *nabi* é alguém que é chamado por Deus para falar por ele.

Em algumas passagens do Antigo Testamento, o profeta é chamado homem de Deus (1 Sm 2,27; 9,6-10; 1 Rs 12,22; 13,1; 17,18.24; 20,28; 2 Rs 1,9-13; 4,38.42; 6,1). O profeta é chamado também de vidente (1 Sm 9,9.11.18-19; 2 Sm 24,11; Am 7,12).

No Novo Testamento, o termo "profeta" indica normalmente os profetas do AT. O NT apresenta diversas figuras proféticas, e a mais importante é a figura de João. E Jesus, foi profeta? De acordo com McKenzie (1984a, p. 747):

[...] outros atribuem-lhe o título: "é o Profeta Jesus, de Nazaré da Galileia" (Mt 21,11); "é um profeta" (Mc 6,15; 8,28); "um grande profeta se ergueu" (Lc 7,16; 9,8.19); "que foi um profeta poderoso" (Lc 24,19); "vejo que és um profeta" (Jo 4,19); "este é verdadeiramente o profeta" (Jo 6,14; 7,40; cf. At 3,22; 7,37).

Porém, de acordo com McKenzie (1984a, p. 747), "Jesus nunca se o atribuiu, como tampouco lho atribuíram os evangelistas, o que leva a pensar que ele não reivindica o título, embora não recusando-o". Além disso, devido ao seu caráter único, embora fosse chamado de Rabi, Jesus não era escriba nem sacerdote.

De qualquer modo, Jesus, no NT, segundo McKenzie (1984a), assemelha-se a um profeta: fala em nome de Deus e situa-se fora das estruturas culturais e políticas. Não se serve das fórmulas proféticas, mas fala com autoridade que lhe é própria.

3.2 O Senhor

O hebraico *adôn* aparece como título honorífico de um rei, de um deus ou de um esposo. No Antigo Testamento, é usado para o dono de um escravo, para um esposo e para um rei como,

principalmente, forma de tratamento. O título pode ser também aplicado a qualquer pessoa de classe superior. *Adôn* significa "de preferência, autoridade, aquele que possui o poder de mandar e comandar" (McKenzie, 1984, p. 862a). É atribuído a laweh e sugere sua realeza. O título é mais frequente nos Salmos e em Isaías. Diz McKenzie (1984, p. 862a), "é um título hínico solene".

O termo "Senhor", em grego, significa *Kyrios* e é usado na LXX como tradução do nome divino de laweh. Bem assinala McKenzie (1984, p. 862a):

Em data muito remota, os judeus começaram a se abster de pronunciar o nome de laweh, convencidos de que era demasiado sagrado para ser proferido. Sempre que o nome ocorria no texto hebraico, colocava-se o título *Adonai* em seu lugar. Como pelo menos alguma coisa da LXX foi traduzida no século II a.C., e o abandono do nome de laweh na linguagem falada certamente não pode ter acontecido antes do século I a.C., alguns exegetas julgam duvidoso que o uso de *kyrios* em lugar de laweh tenha sido feito por judeus de Alexandria no século II, os quais enfatizavam o domínio de laweh. Esse ponto de vista é tanto complicado pelo fato de que o costume grego não mostra o emprego de *kyrios* como um título divino até o século I a.C. Parece, portanto, impossível afirmar com segurança a evolução do uso de tal termo.

No Novo Testamento, o uso e o sentido de *kyrios* sofrem influência do ambiente em que surgiu o termo na civilização helenista. No período clássico grego, entre 500 e 300 a.C., o termo "*kyrios*" significa "poder e autoridade", isto é, o poder de dispor de uma pessoa ou de um objeto. Portanto, o termo é usado para o dono de um escravo, para o legislador ou conquistador de povos subjugados, para o chefe de uma família ou o dono de uma casa, e para o tutor de um menor. O termo, então, não aparece como um título isolado, mas como um adjetivo, e não como um substantivo.

De acordo com McKenzie (1984a, p. 862),

[...] do século I em diante, o título se torna comum no Egito, na Síria e na Ásia Menor como uma designação honorífica dada aos deuses e aos reis. Com o início do império de Roma sob o governo de Augusto, o título passou a ser aplicado aos Césares. O título era uma denominação dada aos deuses e aos reis.

Nos evangelhos sinóticos, o uso de *kyrios* nos

evangelhos de Mt, Mc e Lc não oferece nada de diferente e de novo. O termo é uma forma de tratamento usada para Jesus; *kyrios* equivale ao nosso "senhor", simplesmente.

A aplicação específica de *kyrios* a Jesus parece ter tido origem nas comunidades cristãs primitivas. Quer dizer, o uso teológico do título é mais frequente em Paulo do que nas outras epístolas do NT. Em At 2,36 aparece a fé em Jesus de que "Deus o fez Senhor". Essa citação encontra conexão em Rm 10,9: "se confessares que Jesus é o Senhor" e, sobretudo, em Fl 2,6-11: "que Jesus Cristo é o Senhor".

A missão consiste na proclamação de que "Jesus Cristo é o Senhor" (2 Cor 4,5); os cristãos devem "servir ao Senhor" (Rm 12,11; Ef 6,7; Cl 3,24); devem obedecer aos mandamentos do Senhor (1 Cor 4,19; 14,37; 2 Cor 10,18). Jesus é o mesmo e único Senhor (Rm 10,12); é reconhecido na Eucaristia como Senhor (1 Cor 11,26); missão dos apóstolos: "cada um deles agiu conforme os dons que o Senhor lhe concedeu" (1 Cor 3,5); a vida dos cristãos deve ser "segundo a condição que o Senhor lhe atribuiu" (1 Cor 7,17); o poder e a autoridade dos apóstolos são conferidos pelo Senhor (2 Cor 10,8; 13,10); os apóstolos se entregam ao Senhor (2 Cor 8,5). Jesus é o Senhor dos vivos e dos mortos (Rm 14,8-9).

Com o título *kyrios*, Paulo pretende falar da divindade de Jesus. Sua intenção, portanto, era a de elevar Jesus acima do nível geral e comum da humanidade: "a glória do Senhor; Senhor que é o Espírito" (2 Cor 3,18); "antes que venha o Senhor" (1 Cor 4,5; 2 Ts 1,9).

Bem lembra McKenzie (1984a, p. 863): "para Paulo, ele significa mais do que o título *kyrios* tal como era aplicado no mundo helenista. O Senhor Jesus Cristo possui poderes divinos em todos os sentidos do termo".

3.3 O Salvador

No Antigo Testamento, Deus é o salvador. Que Deus salva é afirmado centenas de vezes. Afirma-se, por isso, que apenas Deus salva: "e salvador fora de mim não há" (Os 13,4) e que a salvação de Israel está em Deus: "é no Senhor,

nosso Deus, que Israel encontra Deus" (Jr 3,23; 1 Mc 3,18; 4,11; 2 Mc 1,11; 2,17).

De acordo com McKenzie (1984a, p. 833):

lahweh é frequentemente invocado ou descrito por meio de títulos que empregam os termos "salvar". As frases mais recorrentes são: "Deus é a minha / tua, sua / salvação" (Sl 18,47; 24,5; 27,9; 65,6; 79,9; 85,5; Is 17,10; Mq 7,7; Hab 3,18) e "rocha de minha / tu, sua / salvação" (Dt 32,15; Sl 62,3,7; 89,29; 95,1); lahweh é chamado de "minha luz e minha salvação" (Sl 27,1) ou "minha salvação" (2 Sm 22,3; Sl 18,3).

Deus salva através dos meios humanos, porém é ele quem faz dos homens salvadores. Assim, os juizes de Israel são salvadores: "então o Senhor suscitou juizes que os libertaram daqueles que os pilhavam" (Jz 2,16; 3,9; 6, 36-37; 7,7; 8,22; 10,13; 12,3; 13,5). Deus salva por meio dos reis (1 Sm 9,16; 11,3; 14,23,29). Talvez o anônimo salvador de 2 Rs 1,5 seja o rei da Assíria. Assim, o rei israelita é associado à salvação de Deus. Ele é, então, o salvador do seu povo na guerra (Sl 33,16); é salvador de seu povo também através da lei (2 Sm 14,4; 2 Rs 6, 26-27); é o salvador daqueles que, por causa da sua fraqueza, necessitam mais de um salvador, isto é, os pobres (Sl 72,4,13). Dessa feita, o rei é um canal de salvação para o povo; a ele podem recorrer, pois Deus incorporou no rei o seu próprio poder salvífico.

No Antigo Testamento, Deus, somente ele, pode salvar. Os homens deverão procurar a salvação, pois ele é o único que pode salvar (Is 45,22). No Antigo Testamento, o título de "Salvador" corresponde, em primeiro lugar, a Deus. Deus Pai é a fonte e agente principal da salvação.

No Novo Testamento, como observação inicial, pode-se dizer que o título *soter* ("salvador"), na literatura e nas inscrições gregas e helenísticas, era atribuído a diversos deuses: Júpiter, Hércules, Sérapis e Osiris e, em particular, a Esculápio. *Soter* é atribuído, em inscrições gregas, a homens insígnies que prestaram serviços públicos. É frequentemente assumido pelos reis helenistas depois de Alexandre e é atribuído aos imperadores de Roma.

No entanto, como afirma McKenzie (1984a, p. 835):

[...] o título *soter* é estranhamente raro nos livros mais antigos do NT – nos evangelhos sinóticos, nas epístolas paulinas e até em João – ao passo que se encontra com frequência nas epístolas católicas e nas epístolas pastorais. Quando o título aparece no NT, significa que os cristãos já apresentam Jesus como o único e verdadeiro *soter*.

No Novo Testamento, o objeto primordial da fé continua sendo Deus Pai: Só Deus salva, e não propriamente Jesus Cristo. Que Deus salva é fundamental no NT. A causa primeira da salvação é o Pai. Deus quer positiva e eficazmente a salvação de toda a humanidade (Lc 1,47; 1 Tm 1,1; 2,4; 4,10; Tt 2,10; 3,4; Jd 1,25).

No entanto, segundo Dupuis (1999a, p. 179): "no Novo Testamento se lhe aplica direta só a ele e, derivadamente, a Jesus Cristo: Deus Pai salva mediante o Filho (Jo 3, 16-17)". Portanto, a salvação vem através de Jesus Cristo (Lc 2,11; Jo 10,9; At 13,23; Rm 15,11; 16, 30-31; Tt 1, 3-4; 2 Pd 1,1.11; 3,2.18; 1 Jo 4,14). Jesus é o princípio e a fonte de salvação (Hb 2,10; 5,9). Simeão viu a salvação quando viu o menino Jesus (Lc 2,30). Jesus veio procurar e salvar (Lc 19,10). Pedro e os discípulos confessam Jesus como o salvador: "Jesus, salva-nos" (Mt 14,30). Jesus é invocado como "nosso salvador" (2 Tm 1,10ss; Tt 2,13).

4 Títulos ontológicos

4.1 Filho de Deus

No Antigo Testamento, o título "Filho de Deus" é aplicado a seres celestes ou deuses (cf. Gn 6,2; Sl 29,1; 89,7; Jó 1,6; 2,1; 38,7). Mas o título também é aplicado ao povo de Israel como um todo: "meu filho primogênito é Israel" (Ex 4,22); "sois filhos para o Senhor, vosso Deus" (Dt 14,1); "seus filhos e suas filhas o irritaram" (Dt 32,19); "fiz filhos crescerem" (Is 1,2); "faze meus filhos voltarem de longe" (Is 43,6); "eu me torno um pai para Israel, Efraim é meu primogênito" (Jr 31,9.20); "quando Israel era menino" (Os 11,1).

O título, no uso mais tardio, indica também o israelita piedoso como uma pessoa singular: "ele declarara ter conhecimento de Deus e chama a si mesmo filho do Senhor" (Sb 2,13); "se o justo é

filho de Deus" (Sb 2,18); "como então foi contado entre os filhos de Deus e participa da sorte dos santos" (Sb 5,5).

O título era atribuído ao rei Davi: "eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho" (2 Sm 7,14); "ele será para mim um filho, e serei para ele um pai" (1 Cr 22,10); "tu és meu filho; eu, hoje, te gerei" (Sl 2,7); "e eu farei dele o primogênito" (Sl 89,28).

No Novo Testamento, o título é frequentemente atribuído a Jesus. No entanto, de acordo com McKenzie (1984a, p. 870), "escritores modernos sublinham que o termo é mais congenial a um ambiente helenístico do que a um ambiente judaico. Assim, no grego, o título é dado a semi-deuses, heróis, reis e sacerdotes".

Na esfera do helenismo popular, "Filho de Deus" significa "homens santos e inspirados". No mundo romano do NT, as palavras "divino", "Filho de Deus" e "Deus" eram usadas de maneira intercambiável.

De acordo com Dunn (1980, p. 17):

Heróis eram frequentemente chamados de "divinos" em Homero e, de Augusto em diante, "divino" tornou-se um termo fixo no culto imperial, o "César divino". Na outra ponta do mesmo espectro, o termo poderia simplesmente significar "pio", "piedoso". Mais uma vez descobrimos que heróis eram às vezes chamados de "deuses", e que "deus" era um título comum de imperadores e reis a partir dos tempos helenísticos – poderíamos pensar, por exemplo, em Antioco Epifanes (= Deus manifestado). Alguns heróis lendários do mito grego eram chamados filhos de Zeus – em particular, Dionísio e Hércules eram chamados de filhos de Zeus com mães mortais. Governantes orientais, especialmente egípcios, eram chamados filhos de Deus. Sobretudo os ptolomeus do Egito reivindicavam o título de "Filho de Hélios" a partir do século IV a.C., e, no tempo de Jesus, a expressão "filho de Deus" era muito utilizada com referência a Augusto. Também de filósofos famosos, como Pitágoras e Platão, dizia-se às vezes que foram gerados por um Deus (Apolo). E na filosofia estoica pensava-se que Zeus, o Ser supremo, era o pai de todos os homens.

A linguagem da filiação divina e da divindade possuía um uso difundido e variado no mundo antigo. Era familiar aos contemporâneos de Jesus, de Paulo e de João, com um leque de aplicações. Insiste Hick (2000, p. 62): "por exemplo, os manuscritos do Mar Morto (4 Q 246) falam

de alguém que será chamado Filho do Grande Deus. Ele será saudado como Filho de Deus, e o chamarão Filho do Altíssimo".

A linguagem do "filho de Deus" sempre foi entendida metaforicamente em círculos judeus. Nas fontes judaicas, seu uso jamais implicaria a participação da pessoa assim declarada na natureza divina.

Jesus era alguém pertencente à classe das pessoas divinas: santo, profeta, pregador, curandeiro: características de pessoas divinas. Afirma Casey (1991, p. 46), citado por Hick (2000, p. 62):

Jesus podia ser chamado filho de Deus por qualquer um que pensasse ser ele uma pessoa particularmente justa: dada a sua habilidade como exorcista, pessoas que acreditavam estar possuídas pelo mal bem poderiam ter usado aquele termo com referência a uma figura tão obviamente santa e eficaz.

Teixeira (1995, p. 61) afirma: "O Jesus histórico não advogou para si o ser Deus, Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Trindade, encarnado, e a doutrina é uma criação da Igreja, apenas finalmente definida no Concílio de Calcedônia no ano 451". Portanto, Jesus não reivindicou divindade para si; não é possível defender a divindade de Jesus Cristo tendo como referência as reivindicações de Jesus. Não há reais evidências daquilo que poderia ser chamado de consciência da divindade de Jesus. Jesus jamais viu a si mesmo como objeto adequado de culto, e torna-se difícil buscar qualquer alegação em favor da divindade de Cristo em sua consciência.

A respeito, Hick (2000, p. 48) escreve:

Não podemos reivindicar que o próprio Jesus acreditou ser Filho de Deus encarnado, mas podemos reivindicar que a doutrina a esse respeito, assim como se exprimiu no pensamento cristão do final do 1º século, foi, à luz da totalidade do evento de Cristo, uma reflexão apropriada sobre a percepção do próprio Jesus quanto à sua filiação e missão escatológica, bem como um detalhamento da mesma.

Porém, o uso do título no NT não reflete só o ambiente helenístico, nem reflete o ambiente do AT. De acordo com McKenzie (1984a, p. 350),

[...] o título se torna um meio pelo qual a Igreja primitiva expressava sua fé no mistério único de Jesus. O uso do termo reflete a fé desenvolvida da Páscoa e de Pentecostes. O título aparece 31 vezes nos evangelhos sinóticos, 42 vezes nas cartas, 23 vezes em João, 3 vezes nos Atos, uma vez no Apocalipse.

Nos evangelhos sinóticos: "início do Evangelho de Jesus, Filho de Deus" (Mc 1,1); narrativa da anunciação: "Filho do Altíssimo" (Lc 1,32); "será chamado Filho de Deus" (Lc 1,35); proferido pelos endemoninhados: "ó ti, Filho de Deus?" (Mt 8,29); "tu és o Filho de Deus; Filho do Altíssimo" (Mc 3,11; 5,7; Lc 4, 41; 8,28); na cena da tentação: "se és o Filho de Deus" (Mt 4,3,6; Lc 4,3,9); na confissão do centurião: "verdadeiramente, era o Filho de Deus" (Mt 27,54; Mc 15,39); no sarcasmo dos judeus: "ele disse: sou o Filho de Deus" (Mt 27,43); na confissão dos discípulos: "verdadeiramente, tu és o Filho de Deus" (Mt 14,33) e de Pedro: "tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo" (Mt 16,16); na cena do batismo: "este é meu Filho bem-amado" (Mt 3,17; Mc 1,11; Lc 3,22; cf. Jo 1,34); na transfiguração: "este é meu Filho bem-amado" (Mt 17,5; Mc 9,7; Lc 9,35); na declaração do próprio Jesus: "nos digas se tu és o Filho de Deus. Tu o dizes" (Mt 26,63-64; Mc 14,61s); Jesus se identifica como o filho do dono da vinha morto pelos vinhateiros: "finalmente, enviou seu Filho" (Mt 21,37s; Mc 14,6).

No evangelho de João: na confissão de Natanael: "tu és o Filho de Deus" (Jo 1,49) e de Marta: "tu és o Cristo, o Filho de Deus" (Jo 11,27); o Filho é o salvador enviado pelo Pai (Jo 3,16-18); o Pai entregou tudo em suas mãos (Jo 3,35s); a comunhão com o Filho é comunhão com o Pai (1 Jo 2,22-24). De acordo com McKenzie (1984a), nos escritos joaninos, a preexistência do Filho como condição divina é claramente suposta.

Nas cartas: "o reino do Filho de seu amor" (Cl 1,13); "o Filho de Deus" (Hb 6,6); "Jesus, o Filho de Deus" (Hb 4,14); "a palavra constitui um Filho" (Hb 7,28); "mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo" (Hb 1,2); "o próprio Filho" (1 Cor 15,28); "com seu Filho Jesus Cristo" (1 Cor 1,9); "pela fé no Filho de Deus" (Gl 2,20); "no conhecimento do

Filho de Deus" (Ef 4,13).

Para McKenzie (1984a), as cartas evidenciam mais a preexistência de Deus do que os evangelhos sinóticos.

Diz Fl (2, 6-8):

Ele, que era de condição divina,
 não considerou como presa a agarrar o
 ser igual a Deus.
 Mas despojou-se,
 tomando a condição de servo,
 tornando-se semelhante aos homens,
 e, por seu aspecto, reconhecido como
 homem;
 ele se abaixou,
 tornando-se obediente até a morte,
 e morte numa cruz.

De fato, a natureza, a origem e o poder divinos do Filho são tais que não permitem supor que sejam frutos da adoção. Nesse sentido, o título "Filho de Deus" afirma a divindade de Jesus e o distingue do Pai, que é indicado pelo título "Deus".

McKenzie (1984a, p. 351) lembra:

A relação única de Jesus, Filho de Deus, com o Pai o torna capaz de ser mediador entre o Pai e a humanidade e dá aos seus atos salvíficos e à sua intercessão uma eficácia única. Se ele não fosse o Filho, seria impensável que os homens recebessem a adoção que ele confere e que significa uma união com Deus muito mais íntima do que a adoção de Israel no AT. Se ele não fosse Filho, o Pai não poderia ter para com ele o amor que torna aceitável o sacrifício de si. Há naturalmente no título implicações metafísicas e estas foram a origem das grandes controvérsias teológicas dos séculos III-V d.C.; mas no NT não há uma consciência explícita dessas implicações metafísicas, e, por isso, não responde explicitamente a questões metafísicas que podem se levantar.

De fato, a consciência de Jesus é essencialmente de Filho: sua relação com Deus é a de um filho com o "Pai". Deus Pai é Genitor, e Jesus é Filho.

Quando Jesus falava de Deus, seu único ponto de referência era Yahvé, o Deus que havia declarado seu nome a Moisés e que ele chamava de Pai.

A respeito, Dupuis (1999b, p. 374) afirma:

O Evangelho segundo João nos fornece um vislumbre dessa unidade entre o Pai e o Filho: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30). Tal unidade implica uma imanência recíproca (Jo 10,30; 14,11; 17,21), um mútuo conhecimento (Jo 10,15), um amor recíproco (Jo 5,20; 15,10), uma ação comum – aquilo que Jesus realiza, o Pai realiza junto com ele (Jo 5,17).

A vida de Jesus estava centrada no Pai: a oração e adoração, a súplica ou imploração, a obediência e submissão à vontade do Pai, a doação e entrega de sua vida – enfim, a orientação de todo o seu espírito humano ao Pai – tudo isso é tão profundo que exige ser expresso em termos de relação Pai-Filho.

Porém, adverte Dupuis (1999b, p. 374), entre Yahvé-Pai e Jesus-Filho existe uma distinção: "Jesus se refere ao Pai como dirigindo-se a um outro, a alguém que ele louva e para quem endereça sua oração" (cf. Mt 11,25-27; Lc 10,21).

Assim, percebe-se que, entre Deus (Pai) e Jesus (Filho), existe uma proximidade única, por causa da encarnação, de um lado; de outro, há uma distância insuperável, por causa da existência humana de Jesus.

Dupuis (1999a, p. 289) assinala:

Deus, e apenas Deus, é o mistério absoluto, e enquanto tal está na origem, no âmago e no centro de toda a realidade. Se é verdade que o homem Jesus é Filho de Deus de maneira única, é também verdade que Deus está mais além, até mesmo de Jesus. Quando se afirma que Jesus está no centro do mistério cristão, isso não deve ser entendido em sentido absoluto, mas na ordem das economias das relações livremente estabelecidas por Deus com o gênero humano na história.

4.2 Palavra de Deus

O Antigo Testamento conhece a palavra de Deus como expressão de revelação da vontade de Deus: tal revelação se manifestava na palavra profética, palavra-lei e palavra criadora.

Deus fala diretamente a homens privilegiados, escolhidos, com missão de transmitir sua palavra: são os profetas. Deus coloca na boca dos profetas (Jr 1,9) sua palavra, e eles têm a missão de anunciar ao povo a palavra de Deus (Is 6,8). Todos os profetas têm claramente consciência

de que Deus lhes fala, de que a sua palavra toma conta deles. A palavra de Deus anunciada pelos profetas é poder decisivo na história de Israel. Ela está cheia de força, como um martelo que arrebenta as rochas (Jr 3,29). A palavra de Deus significa também salvação (Is 2,2-5; Jr 23,29).

Ora, a palavra de Deus não é dada só aos profetas, a um pequeno círculo, mas a todo o povo de Deus, que Deus quer atingir por intermédio de seus porta-vozes: todo Israel é chamado a reconhecer que Deus lhe fala pela boca dos seus enviados.

A palavra de Deus no AT também aparece como palavra da Lei. A concepção da palavra divina como Lei e norma de vida remonta às próprias origens de Israel. O povo de Deus recebe sua Lei ("as palavras": Ex 34,28; Sl 147,19) de Deus (Ex 20,1.22). Quando da aliança do Sinai, Moisés deu ao povo, da parte de Deus, uma carta religiosa e moral resumida em dez "palavras", o Decálogo (Ex 20,1-17; Dt 5,6-22; cf. Ex 34,28; Dt 4,13; 10,4). Mas, com a Lei de Deus, está ligada, desde as origens, uma relevação de Deus e de sua ação aqui na terra: "Eu sou Javé, teu Deus, que te tirei da terra do Egito" (Ex 20,2).

A criação no AT é outro campo da revelação e do agir de Deus: pela sua palavra, Deus cria o mundo (Gn 1; Is 48,13; Sl 33,9; Sb 9,1). A palavra de Deus mantém em andamento o processo da natureza (Sl 147,15-18). Portanto, a palavra de Deus é uma realidade dinâmica, um poder que opera infalivelmente.

No Novo Testamento, a revelação do Antigo Testamento encontra seu cumprimento em Jesus Cristo. Em Jesus, Filho, Deus pronunciou sua palavra final e decisiva (Hb 1,2). Afirma Bauer (1973, p. 797): "A vida de Jesus, suas palavras e seus atos são a revelação de Deus em seu ponto central. A revelação no Filho, que de si mesmo diz: 'Antes que Abraão existisse, eu sou' (Jo 8,58), não começa somente com o nascimento de Jesus".

O Cristo preexistente e encarnado é a revelação ou, como afirma Jo 1, 1-18:

No início era o Verbo,
e o Verbo estava voltado para Deus,
e o Verbo era Deus.

Ele estava, no início, voltado para Deus.
Tudo foi feito por meio dele;
e sem ele nada se fez do que foi feito.
Nele estava a vida,
e a vida era a luz dos homens,
e a luz brilha nas trevas,
e as trevas não a compreenderam [...] (Jo 1,1-5).
E o Verbo se fez carne
e habitou entre nós,
e nós vimos a sua glória;
glória essa que, Filho único, cheio
de graça e de verdade, ele tem da parte do
Pai [...] (14).
Da sua plenitude, com efeito, todos nós
recebemos, e graça sobre graça.
Se a lei foi dada por Moisés, a graça e
a verdade vieram por Jesus.
Ninguém viu jamais a Deus;
Deus Filho único, que está no seio do Pai,
no-lo revelou (16-18).

5 Conclusão

Este artigo procurou apresentar uma visão geral e sintética dos diversos títulos cristológicos presentes no Novo Testamento.

Os títulos cristológicos do Novo Testamento são hermenêuticas inspiradas na experiência pascal dos discípulos, na história de Jesus. Os diferentes títulos representam as diversas interpretações do evento Cristo à luz da Páscoa, sendo cada uma delas condicionada pelo contexto eclesial particular e sociocultural. A diversidade de títulos presente no NT fez surgir várias abordagens ou versões cristológicas e teológicas.

A abordagem bíblica da cristologia baseada nos títulos traz o problema da continuidade e descontinuidade entre o Jesus da história e o Cristo da fé. Sem dúvida alguma, esse é um dos problemas mais sérios em qualquer análise bíblica de caráter crítico sobre a cristologia. O próprio Jesus precisa ser visto na origem da fé cristológica do Novo Testamento.

"O Cristo", "o Senhor", "o Filho de Deus", esses títulos constituem o núcleo da fé cristológica primitiva e evidenciam claramente o lugar central

que essa confissão ocupou, desde o início, na fé da Igreja cristã. O essencial consiste em atribuir ao homem Jesus um título particular: Messias, o Ungido, o Cristo, emprestado da terminologia teológica do Antigo Testamento.

Referências

BAUER, Johannes B. Palavra. In: *Dicionário de teologia bíblica*. São Paulo: Loyola, 1973. 794-798.

DUNN, James. *Jesus y Espíritu: Un estudio de la experiencia religiosa y carismática de Jesus y de los primeros cristianos*, tal como aparece en El Nuevo Testamento. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1980.

DUPUIS, Jacques. *Introdução à cristologia*. São Paulo: Loyola, 1999a.

DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999b.

HICK, John. *A metáfora do Deus encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000.

McKENZIE, John L. Messias, Messianismo. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984a. p. 605-609.

McKENZIE, John L. Servo de Iahweh. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984b. p. 869-872.

TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das religiões*. São Paulo: Paulinas, 1995.

José Armando Vicente

Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte, MG, Brasil. Reitor do Seminário Maior de Filosofia e Teologia da Sociedade Missionária da Boa Nova (SMBN), em Contagem, MG, Brasil.

Endereço para correspondência

Rua Rita Camargos, 575

Bom Jesus, 32185420

Contagem, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.